

## F - FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA

### GRAMÁTICA EM CRISE.

(1957)

A Gramática, a mais antiga das disciplinas lingüísticas, se acha em grave crise, *crise externa* e *crise interna*, - qualificativos que uso à falta de melhor nome. Por crise externa entendo a perda de prestígio na opinião leiga e até na dos especialistas; por crise interna quero significar as perplexidades, a retomada do problema, a busca de novos caminhos que se verifica na Lingüística atual com relação ao conceito e aos conceitos, à divisão, aos métodos e ao próprio valor da Gramática.

Nota-se na opinião geral uma séria desconfiança para com a Gramática, descrédito e hostilidade. O “gramático” de há muito passou a ser objeto de chacota e de irrisão, apontado como um tipo ridículo, presunçoso, insociável e insuportável. Muitos são os que se declaram libertos da Gramática, tendo surgido até um movimento literário, o chamado Modernismo, que levantou a bandeira do antigramaticismo. Se assim se passa com os escritores, que dizer dos médicos, bacharéis, engenheiros e outros, que dão de ombros às normas, à nomenclatura e às leis gramaticais.

Por outro lado, os próprios filólogos e lingüistas se armaram de indisfarçável prevenção contra a Gramática e os gramáticos, chegando ao ponto de se sentirem diminuídos e ofendidos quando são equiparados ou misturados com os gramáticos.

Isto tem sua explicação justa e razoável. É que a Gramática se desmandou em regrinhas impertinentes, os gramáticos se arvoraram em donos da língua e propuseram-se a decidir da vernaculidade, a dirigir os escritores, multiplicando proibições, fazendo crer que só os iniciados, os grandes iniciados podiam mover-se com liberdade no labirinto das classificações e subclassificações, das leis, regras, regrinhas e exceções. Por outro lado, eles ficaram fossilizados, esclerosados nas concepções do século XVIII, apostados apenas em agravar os erros do logicismo lingüístico, por isso, tendo passado ao largo da renovação dos estudos iniciados por Bopp em 1816 e tão prodigiosamente desenvolvidos de então para cá. Refiro-me à Lingüística científica, que deslocou a Ciência da Linguagem do campo da Lógica para o da História e que renunciou à subserviência ao modelo da Gramática Latina, considerada padrão e pauta. O chamado “grande público” presentiu ou teve vaga notícia da renovação, ao mesmo passo que por instinto reagia à arbitrária ditadura dos profissionais do “está errado”.

O advento da Lingüística científica, de base histórica, já dera margem à retificação de muitos conceitos inaceitáveis do gramaticismo lógico, já dera fundamentação objetiva e concreta à formulação normativa, já permitira o tratamento do material lingüístico com outros métodos e outra segurança, o que representou considerável progresso.

Por outro lado, foram-se sucedendo concepções gerais relativas à natureza do fenômeno-língua, donde resultou a constituição de uma Lingüística Geral ou Glotologia, com uma larga parte teórica, - cujos princípios haveriam de influir, como influíram, nos estudos gramaticais. Daí, a tentativa de renovar a Gramática, de estabelecer uma nova Gramática nas linhas da tradicional, sim, mas bafejada pelas novas conquistas, pelas novas descobertas e arejada com novos ares, e aprimorada com novos métodos de investigação. Foi a empresa iniciada aqui, por exemplo, por um Júlio Ribeiro ou um João Ribeiro, e levada a bom termo em Portugal por Epifânio Dias, cuja *Gramática Elementar*, hoje raridade, é um modelo de boa sistematização dos fatos da língua portuguesa.

Surgiram depois, para o nosso idioma, boas gramáticas, como a de Mário Pereira de Sousa Lima, esgotada, ou a *Gramática Secundária*, de Said Ali, também esgotada. Agora os fatos são *fatos*, isto é, existem e são documentados com método e crítica, de modo que o leitor não tem de “acreditar” no autor ou de acatar sua “autoridade”. Muita baboseira foi posta por terra, muita regrinha inventada foi desmoralizada, muito tabu desfeito e, sobretudo, foi proclamado que a Gramática não é uma bitola, menos ainda um espartilho, jamais um instrumento sufocador da liberdade de criação artística.

Mas perduravam e perduram os conflitos, alguns agravados. A nomenclatura tradicional tem uma base filosófica e lógica, que não encontra ressonância na terminologia lingüística atual ou nas concepções e até nas conclusões modernas, como, por exemplo, tudo que diz respeito à linguagem afetiva, à linguagem ativa ou à linguagem instintiva e espontânea. O aparecimento da Estilística foi um novo elemento de conflito: não ficaram bem delineados os campos, a terminologia em larga parte é comum, a Estilística tem por si o prestígio da modernidade e a vantagem da finura, da inteligência e do interesse profundo, humano e estético. Daí o desprezo pela Gramática em nome da Estilística, daí uma falsa Gramática-Estilística, daí as gramáticas com um capítulo de Estilística, muitas vezes mal conceituada e confundida com uma Retórica de roupa nova e recém-chegada de uma viagem de instrução.

Muitos são os moços, principalmente das Faculdade de Letras, que renegam a Gramática e se lançam num culto fervoroso à Estilística, como se fosse possível dedicar-se à segunda sem estar firme na primeira.

Isto, para dar um rápido panorama da crise *externa*, a que de início aludimos. Quanto à crise interna, esta é mais grave e mais profunda. Muitos

são os lingüistas que estão repensando o problema da Gramática. Que não se conformam com uma Gramática modernizada apenas nos métodos de pesquisa e em alguns nomes. E estes propõem novidades substanciais, novidades de alto a baixo, a partir do conceito, da divisão e da nomenclatura.

Cabe fazer referência, por exemplo, ao livro famoso de Brunot, *La Pensée et la Langue*, de mais de mil páginas, em que o eruditíssimo autor sugere novas classificações à base de idéias a exprimir e suas manifestações idiomáticas na língua A ou B. Não é aqui o lugar de discutir o discutido livro do mestre francês, senão apenas de assinalar seu aparecimento e enquadrá-lo num movimento de idéias aparentemente vitorioso. Digno de especial menção é também o livro de Georges Galichet, *Essai de Grammaire Psychologique du Français Moderne*, que propõe uma metodologia e um tratamento novo. Galichet pretende atentar na coesão interna da língua, buscar o que constitui sua unidade, “remontando à fonte primeira, aos fundamentos do conhecimento espontâneo” (Prefácio). Já se viu daí e do título que o autor parte da Psicologia e não da Lógica, como até agora se tem feito. Distingue na língua “espécies gramaticais”, que correspondem às classes de palavras, “categorias gramaticais”, gênero, número, grau, aspecto, tempo, voz, modalidade, pessoa, e “funções”, inatualizadas (de caracterização e de determinação) e atualizadas (sujeito, complemento do verbo, etc.), numa divisão e caracterização inédita e complicada.

No entanto, a maior revolução é a que tenta ou tentou operar o *estruturalismo*, que se avoca a paternidade de Saussure, o maior nome da Lingüística moderna. Saussure estabeleceu uma diferença rigorosa entre sincronia e diacronia, como perspectivas diversas e estanques de encarar a realidade lingüística. A sincronia é o “estado de língua”, é a situação global da língua num momento dado, o sistema vivo, com suas interdependências, suas interligações, seus recíprocos compromissos, suas relações permanentes e coerentes. Um “estado de língua”, uma sincronia é, na feliz expressão de Saussure, como uma partida de xadrez, em que o conjunto forma um todo coeso, estreitamente relacionado e intercomprometido. A visão sincrônica representa um corte transversal na língua e nos patenteia o “eixo das simultaneidades”. Já a visão diacrônica se realiza em perspectiva histórica, representa um corte longitudinal, que patenteia o “eixo das sucessividades”, que deixa ver as fases da língua, que mostra cada elemento de *per si* ao longo do tempo, isolado, insolidário, desgarrado, apenas fiel a si mesmo, apenas continuado no tempo, apenas com presença anterior, ainda que com fisionomia diversa. Num caso, é o conjunto a explicar-se a si próprio, o sistema a explicar os elementos, os fatos singulares, que isolados, não têm sentido; noutro caso, é o presente explicado pelo passado, é cada elemento justificado pela sua história.

Saussure já entendia que a verdadeira Lingüística é a sincrônica. Por isso é que os estruturalistas se apóiam no mestre suíço e se dão por discípulos seus. O movimento surgiu, pode-se dizer, do Círculo Lingüístico de Copenhague, mas quem lhe deu feição e lhe estabeleceu teoria, aliás rígida e sistemática, foi o dinamarquês Luis Hjelmslev, fundador da Glossemática e autor principalmente de *Principes de Grammaire Générale* e de *Prolegomena to a Theory of Language*. Aí propõe ele uma Gramática puramente sincrônica, renovadora, renegadora dos quadros tradicionais e aristotélicos, gramática que se dispõe a descrever estados de língua, entendida esta como um todo auto-suficiente e *sui-generis*. Não cabe aqui uma explicação, ainda que por alto, das posições e revoluções do lingüista germânico: remeto o leitor curioso para a exposição fiel, clara e rigorosa feita por Silvio Elia no seu excelente *Orientações da Lingüística Moderna* (Livraria Acadêmica, Rio, 1955, pp. 147-162). Aí se verá que a sistematização é difícil, complexa, excessivamente abstrata e direi mesmo abstrusa. Não acredito que venha a ter seguidores numerosos, menos ainda, que venha a formar escola. Baste como amostra este conceito de Llorach, um dos entusiastas e corifeus, autor de uma *Gramática Estrutural*: número é “morfema fundamental intenso que contrai recção nexual simultânea homonexual e heteronexual”. Mal comparando, parece até certas tiradas oratórias da Câmara dos Vereadores...

Está, pois, em crise a Gramática. Espero que da crise resulte um progresso, uma revisão racional, autêntica e proveitosa. Enquanto ela não se firma, padece a língua literária, padecem os estudantes, padece o ensino.

De qualquer modo já nos vamos beneficiando das revisões mais moderadas, que não rompem instantaneamente com a tradição, mas não compactuam com a rotina estéril, esterilizante e confusionista. Está nesta linha de boa revisão a recente *Gramática* de Rocha Lima, lançada pela Livraria Briguiet e que será objeto de uma notícia e comentário num dos nossos próximos artigos, se Deus quiser.

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18-8-1957.)

## A HERANÇA DE CÂNDIDO DE FIGUEIREDO.

(1946)

Dentre os escritores que versaram assuntos relativos à língua portuguesa, nenhum houve certamente que tivesse tido nos meios leigos ou entre os amadores tanto prestígio como Cândido de Figueiredo.

Tendo inaugurado o sistema dos “consultórios gramaticais”, pôs-se, nos jornais, a escrever sobre vernaculidade, incorreções, vícios, deformações, etc., ganhando, em breve tempo, imensa popularidade e fama de grande filólogo.